

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

**O OLHAR DA MEDUSA E A PETRIFICAÇÃO DO OUTRO: UMA REFLEXÃO
SOBRE AS FAVELAS CARIOCAS**

CELSO DE MORAES VERGNE

Psicólogo do programa de Saúde Mental de Nova Iguaçu, RJ. Doutorando do programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUC-Rio. Pesquisador Associado do LIPIS
celsovergne@yahoo.com.br

Resumo: O presente trabalho trás uma reflexão acerca das produções de sentido em torno das favelas cariocas. A proposta é tomá-la como dispositivo de análise das manifestações e efeitos da subjetividade de nosso tempo. Os preconceitos, que no limite produzem o consentimento na eliminação de seus moradores, tidos como suspeitos de periculosidade a priori, são produzidos nos sujeitos comuns como nós, tendo como conseqüências a negação ao direito do outro de existir. Proponho, por fim, repensar as práticas das ciências humanas que permitam uma desconstrução do olhar predeterminado sobre o que nos é diferente.

Palavras-chave: pobreza, favela, diferença, identidade

**THE MEDUSA'S SIGHT AND THE OTHERS PETRIFICATION: A REFLEXION ABOUT THE
RIO DE JANEIRO SLUMS**

Abstract: This paper brings a reflection about the production of meaning about the slums. The proposal is to take it as a device for analyzing events and effects of subjectivity in our time. Seen merely as dangerous and outlaws, slum's residents are denied the right of an identity as well as the right to exist.. It is our purpose to rethink the practices of the humanities in order to enable a deconstruction of predetermined gaze about those who are considered different.

Keywords: poverty, slum, difference, identity

FALANDO NA FAVELA

Há alguns anos falar de favela era falar, de imediato, sobre marginalização. Hoje talvez algo tenha mudado em direção a uma conceituação mais complexa. As tecnologias e uma nova produção de formas de olhar, produto-efeito de nossos tempos líquidos, têm nos feito gradativamente entender a favela de outro modo, mais amplo e mais restrito ao mesmo tempo, mais geral e particular. Esta estranha e ambígua posição, que será



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

analisada ao longo deste artigo, esconde a dificuldade de nos ligarmos a processos explícitos de exclusão, mas não nos permite impedi-la.

Hoje é lugar comum a naturalização dos dogmas da visão capitalística¹ da vida, que atravessam as teorias administrativas, psicológicas e até mesmo crenças religiosas: “há oportunidades para todos que se esforçam” e “o mundo é hostil e preciso me defender dele”. Estes são dois dos argumentos mais comuns e que fornecem uma boa base de sustentação para a rejeição ao outro, e para a preparação de um lugar que é distante de mim e do qual não desejo me relacionar.

Quando se fala de ‘favelas’, ainda e insistentemente, as imagens que nos vêm ao pensamento são de medo, de expectativa ou mesmo de pena. É comum se falar de favelas, que quase todos os dias são notícias da primeira página nos jornais, como local de crimes e acontecimentos banalizados, considerados como naturais naqueles espaços. Ou por outro lado, nos contatos informais, é comum também que os que se aventuram na favela falem com orgulho de seu feito. Mas ainda falar da favela é falar de um outro, de um estranho. Por quê?

Entender a construção desta lógica de produção do estranhamento do outro é um passo necessário para a construção de rearranjos subjetivos que permitam a superação de medos, ódios, negação e desejo de eliminação do outro. É preciso, portanto, entender como esta rejeição existe e se sustenta, procurando pistas oferecidas pelo cotidiano, pela fumaça que deixada no ar por uma história que não consegue ser reduzida a uma pretensa neutralidade. Esta história possui objetivos e desejos que transbordam ao que é expresso no discurso oficial, construído pela mídia, pelo estado, pelos especialistas, produzindo esquecimento e silêncio sobre o cotidiano das populações pobres. Ao menos este é o desejo da história oficial. Enquanto escolhermos não ver, a história da favela prossegue, repleta de

¹ Termo cunhado por Félix Guattari para designar um modo de subjetividade ligado a produção e consumo, que pode estar presente mesmo em condições sociopolíticas de suposta oposição ao capitalismo.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

sonhos, medos, desejos, amor... igual a todos nós. Marcadamente diferente, talvez, apenas na dor produzida aos seus moradores, devido aos medos das pessoas do asfalto.

NO PASSADO NÃO MUITO DISTANTE

Quando buscamos discutir sobre favelas elas surgem a nós como uma imagem feita de cores difusas, de rostos digitalizados pelas câmeras de TV ou voltados de costas ou, ainda, de armas em punho ou com policiais apontando em sua direção. Hoje o som do samba, que ecoava nos morros, nas antigas “tabas de negros”, como falou Stefan Zweig em *Brasil País do Futuro* nos anos 40, ficou apenas como um som distante, quase inaudível. As descrições da favela como um lugar de ‘carências’ que conduzem a uma quase desumanização de seus moradores foi, ao longo do tempo, o tom predominante dos discursos sobre a favela.

Este se repete até hoje como, por exemplo, no relato de Emir Laranjeira, tenente-coronel reformado da PMERJ e romancista. Seu ponto de vista é importante para entendermos muitas das nossas cristalizações, aprendidas através do discurso oficial sobre as favelas:

*A favela era grande, - uma cidade, pobre, dentro de outra, rica, - um mundo à parte, quase que isolado de tudo, **um povoléu de senzala**, seria a vontade dos senhores da casa-grande, de ontem e de hoje, sempre vendo-a de longe e impertinente a crescer, crescendo com ela a miséria e o zé-povinho na miserabilidade do abandono total. Mas a favela era grande, e a cada dia maior ela ficava, e isto ninguém podia lhe negar, porque havia na base do morro, - um grande morro, de cume empedrado, abrupto, inacessível, bem alto, - havia na base do morro e em toda sua volta, no plano liso do chão, os barracos. E eram milhares,*



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

aqueles barracos, uns agarradinhos aos outros em paredes-meias feitas de tábuas vagabundas, de restos de construções abandonadas e de tudo o mais que mantivesse de pé aquelas casinhas toscas e cheias de gente miserável, de gente nortista e nordestina e de muitos pretos que nunca venceram os grilhões do passado. E os barracos iam-se amontoando, germinados, e subindo, e subindo... até atingir as alturas mais altas do morro. Tudo isto era a favela grande." In Bairro de Lata de Emir Laranjeira (grifo nosso)²

Sobre a mitologia original das favelas, exemplificada acima, que traz consigo os mais diversos estigmas, outras construções foram feitas. As imagens sem textura, sem cheiro, feitas de cores mais intensas e luminosas das telas de televisão mostram ainda, a todo país, a favela como lugar do medo ou da carência.

O discurso de uma cidade em guerra é estampado nas primeiras páginas dos jornais periodicamente. A guerra contra a presença da pobreza tem hoje é também reaviava pelo retorno de alguns antigos discursos próximos da proposta eugênica, que haviam sido temidos por algumas décadas após a visão de seus efeitos nos campos de concentração nazistas. A título de exemplo, temos entrevista dada por José Mariano Beltrame, secretário de Estado de Segurança Pública do Rio de Janeiro, feita em 30/07/08, comentando sobre o combate ao crime no estado e as execuções feitas por policiais nas favelas caiocas:

"Nós temos aqui uma legião de excluídos que não conhecem o Estado. Não sabem o que é lei. Essa é uma cultura que

² Bairro de Lata/ Emir Laranjeira; Rio de Janeiro : B. Brito, 2001.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

*muitas vezes o marginal traz do ventre da sua mãe. Ele convive, vê na rua as pessoas armadas, com granadas, com revólveres. Isso não nos autoriza a tirar vidas. Mas só peço que se considere esses aspectos ao fazer análise (dos dados da violência policial). Podemos ter autos de resistência que tenham algum problema (excesso policial), mas nós temos autos de resistência."*³

Os autos de resistência⁴ tem sido um dos principais justificativas oficiais para os crimes violentos feitos pela policia junto aos moradores de favelas. Nesta década, até o momento, já foram contabilizadas quase 10.000 mortes justificadas através de autos de resistência.

Acresce-se a isso a crescente construção de muros em favelas, com previsão de construção de 11 quilômetros de muros em favelas da cidade, a partir de 2009. O argumento passa por uma sutil oficialidade e um discurso politicamente correto: a “defesa do meio ambiente” e a “criação de barreiras acústicas para bem estar dos moradores” tem sido a justificativa para confinamentos urbanos e segregação social.

³ Fonte: Portal G1 :<http://g1.globo.com/Noticias/Politica/0,,MUL705596-5601,00.html>. Acesso em 15 de janeiro de 2010

⁴ A origem da ferramenta jurídica “auto de resistência” está na Ordem de Serviço “N”, nº 803, de 2/10/1969, da Superintendência da Polícia Judiciária, do antigo estado da Guanabara. O dispositivo afirma que “em caso de resistência, [os policiais] poderão usar dos meios necessários para defender-se e/ou vencê-la” e dispensa a lavratura do auto de prisão em flagrante ou a instauração de inquérito policial nesses casos. Revista Caros Amigos, OUT 2009.



LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

Os olhos de cristal e diafragma apontados para a favela apenas aguardam e, em tom supostamente neutro, constroem a notícia. A palavra oficial, a fala das autoridades, dos governantes e especialistas, faz descansar consciências e silenciar.

Estes mesmos discursos se apóiam também no incentivo da imagem do “favelado-exemplo”: aquele que consegue vencer e lutar para alcançar os mesmos ideais da cidade da ordem, da luta pelo lucro, do indivíduo que mostra que o mundo é bom para os mais aptos, daquele que pode alcançar os mesmos modelos de subjetividade hegemonicamente valorizados. Assim são valorizados determinados modelos, pretensamente aplicáveis a todos os sujeitos urbanos, como a do trabalhador pobre, mas ideais brancos e burgueses. Assim, “limpo” e embranquecido por ter incorporado o modelo ideal de trabalhador valorizado pelo capitalismo, o seu morador negro e pobre está pronto para rejeitar seu próprio rosto e história. Este olhar inclui de forma ambígua o outro no lugar de algo menor, porém incluído.

Zygmunt Bauman, em *Modernidade e ambivalência* (1991), ao falar acerca da modernidade nos traz a perspectiva de pensar sobre o seu caráter a partir de seu desejo de ordem. A ambivalência é, nos diz Bauman, causa de ansiedade e indecisão, algo a ser ordenado pela linguagem. Mas a ordem que aparece como necessária no discurso moderno cria a noção de desordem a ser corrigida. A existência não ordenada passa a ser vista como caótica e, por isso, se fazia necessária a ação do homem para agir sobre a natureza.

“O caos, 'o outro da ordem', é pura negatividade. É a negação de tudo o que a ordem se empenha em ser. É contra essa negatividade que a positividade da ordem se constitui. Mas a negatividade do caos é um produto da autoconstituição da ordem, seu efeito colateral, seu resíduo e, no entanto, condição sine qua non da sua possibilidade (reflexa). Sem a



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

negatividade do caos, não há positividade da ordem; sem o caos, não há ordem”. (Bauman, [1991] 1999:15)

O ‘outro da ordem’, no entanto, é construído também pelo homem, no mesmo movimento de busca de diferenciação do caos. As práticas disciplinares, educativas e punitivas, sob comando do Estado, passam na modernidade a agir no controle do que parece envolto pela aura da desordem e do não-civilizado. A ‘ordem’, a partir desta racionalidade, não é mais produto da intervenção divina nas coisas do mundo ou fruto da criação, mas é agora dependente das ações do homem.

O que denominamos de modernidade tem sido, dentre diversas outras ações, o conjunto de ideais estabelecidos pelo saber hegemonicamente construído de busca da ordem e controle das coisas do mundo. Assim a modernidade, ao implantar seu projeto, busca um processo civilizador vinculado a uma racionalidade, pretensamente purificada e neutra, uma racionalidade técnica. Porém, esta mesma racionalidade, solicita a construção de um novo mundo, a partir de uma remodelagem da natureza, contribuindo assim para o seu aperfeiçoamento. Bauman ressalta que o mundo moderno, a partir do Iluminismo, buscou efetuar tal ideal através de uma “*atividade de separar elementos úteis destinados a viver e a prosperar, isolando-os de elementos perigosos e mórbidos que devem ser exterminados*”.⁵

A loucura, a pobreza, a revolução, passam a ser também desordens a serem combatidas. A ordem deve ser incorporada à subjetividade mesmo que a custo do sofrimento, sobre aqueles que se situam fora dos padrões estabelecidos. A estes restam a segregação e o estigma.

⁵ BAUMAN, Z. (1998) *Modernidade e Holocausto*. [1989] Jorge Zahar Editor Rio de Janeiro. p 93



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

Assim nasceu também a concepção de *classes perigosas*, conceito que, segundo Guimarães (1982), surgiu na primeira metade do século XIX, quando se acumulavam migrantes do campo nas zonas urbanas de uma Europa no período de infância da Revolução Industrial. A formação desta nova classe de moradores nas cidades foi produzida como força necessária para que houvesse um excedente de trabalhadores como mão de obra disponível para as indústrias. Mas ao mesmo tempo era algo a que a burguesia industrial não desejava assistir ou estar perto.

Zizek (1991), no campo da psicanálise, analisando os processos que constroem as diferentes ideologias que sustentam a rejeição e preconceito, ressalta que: a “estranheza” que surge em relação ao outro é, diversas vezes, *construída* por um processo que pretende a eliminação do outro a partir de uma determinada racionalidade, sustentada por uma fantasia ideológica. Segundo esta fantasia, não se faz necessária uma sustentação no real que a justifique, ela pode apenas se sustentar em nossos desejos, em nossos sonhos, a partir do qual construiremos a fantasia de rejeição do outro.

Podemos falar assim de uma relação de valores que se dão sem a necessidade de uma sustentação em fatos necessariamente ocorridos, através dos quais se pretenderia sustentar uma tênue justificativa ao menor valor dado ao outro. Não é necessário que haja fatos comprobatórios, mas quase sempre é necessário que se construa um sistema de valores dados *a priori* como base de uma rejeição a um outro que não atenda a nosso sistema de crenças, ideais, afetividade ou mesmo que seja a imagem que desejaríamos do outro. Assim, guerras étnicas, exclusões e preconceitos de cor da pele, de religiosidade, de preferências sexuais ou qualquer forma de subjetividade não hegemônica, têm sobre si a marca de uma culpabilização que os coloca definitivamente diferentes. Sendo diferentes, são passíveis de serem os desordenadores de um mundo, o qual se crê que seja o percurso único de alcance das formas ideais de inserção no mundo.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

Segundo Batista (1999), através do discurso dos especialistas, aparentemente neutro, pode-se estar agindo na direção de retirar da vida a possibilidade de experimentação e criação. Na demarcação do discurso válido do que deve ser rejeitado, agimos na preparação do ato genocida, que combate a determinados modos de existir e que tem construído violências no cotidiano.

“O fio da faca que esquarteja, ou o tiro certo nos olhos, possui alguns aliados, agentes sem rosto que preparam o solo para esses sinistros atos. Sem cara ou personalidade, podem ser encontrados em discursos, textos, falas, modos de viver, modos de pensar que circulam entre famílias, jornalistas, prefeitos, artistas, padres, psicanalistas etc. Destituídos de aparente crueldade, tais aliados amolam a faca e enfraquecem a vítima, reduzindo-a a pobre coitado, cúmplice do ato, carente de cuidado, fraco e estranho a nós, estranho a uma condição humana plenamente viva. Os amoladores de facas, à semelhança dos cortadores de membros, fragmentam a violência da cotidianidade, remetendo-a a particularidades, a casos individuais. Estranhamento e individualidades são alguns dos produtos desses agentes. Onde estarão os amoladores de facas?”. (Batista, 1999:46)

Tais construções se realizam nos mais diversos campos do conhecimento. E, apesar de não serem campos homogêneos, a psicologia e a psicanálise têm sido importantes ferramentas para esta produção de sentidos hegemônicos, assim como a medicina, o direito, o Estado, entre outros, onde podemos incluir até mesmo os projetos urbanísticos. As



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

populações pobres têm sido objeto preferencial destas demarcações, em especial pelos discursos de periculosidade e suspeição que recai sobre elas.

“Uma das técnicas de formação de crenças combina com a opressão – não importa se significa jogar as pessoas em câmaras de gás ou cobrar a mais delas na loja da esquina, ou qualquer coisa entre estes dois extremos. A reação será sempre dizer: ‘É por causa da falta de moral deles, é por isso que estou agindo assim. Talvez eu até esteja fazendo bem a eles’ (...) Isto é compreensível, quando você oprime alguém precisa alegar alguma coisa. A justificativa acaba sendo o nível de depravação e vício moral do oprimido” (Chomsky, 1993:100)

A *imagem* retorna aqui pelo papel privilegiado que possui na construção da subjetividade ocidental. Segundo Bornheim, a partir do platonismo temos um olhar que vai ser o meio de uma divinização da realidade humana, numa busca de "olhar para o alto", no abandono de uma *práxis* mundana para uma *práxis* contemplativa que permitisse a compreensão do mundo divino aos olhos do homem:

"(...) a verdade passa a depender de um certo cultivo da visão, o que se vê deve ser bem ordenado, deve-se saber ‘o que pode ir junto e o que tem de permanecer separado’, como diz Platão no Sofista; inventa-se com isto a lógica. E abre-se, por ai, o caminho para uma nova etapa da evolução do olhar: sua vinculação com interioridade." (Bornheim, 1990:90)



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

Os modelos de subjetividade, com o progresso de um controle maior do conhecimento e dos destinos do homem, baseado no conhecimento sobre si, passa a produzir um mundo onde além de modelar os corpos, como Foucault nos apresenta em *O nascimento do hospital*, passa-se a construir sujeitos. Passamos assim de um sujeito “ideal” para o sujeito visto como incivilizado, incompleto, primitivo e até mesmo menos humano, seja por sua forma subjetiva, étnica, política, religiosa, ou ainda por outros e infinitos motivos, mas é ele um ‘outro’, irremediavelmente ‘outro’, porque diferente.

Como aponta Vilhena (2001b) é preciso desacreditar o espelho de Narciso. Descobrir a existência do ‘outro’ sem que este seja visto como uma cópia ‘menos’ acabada ou ‘menos’ elaborada, ‘mais’ primitiva ou ‘mais’ carente. O outro pode e deve existir, existindo enquanto ‘diferença’, nos protegendo de uma enganosa onipotência narcísica. Quando o ‘outro’ deixa de ser uma reprodução imperfeita do Eu, permitimos a sua possibilidade de existir.

O outro é apenas o outro e é justo nesta possibilidade de diferir que lhe é conferida sua singularidade. Não apagar as diferenças, “mas sim estar atento à irreduzibilidade do sujeito a qualquer registro”. Ainda segundo a autora:

“Sendo a cultura o outro do sujeito, não há como pensá-lo fora dela. Mais ainda, não será inerente à nossa própria tarefa a escuta de diferentes sistemas simbólicos? O desejo é polissêmico, poliglota, paradoxal. Coloca em cena o plural e o singular, numa relação dialógica de complementaridade”.
(Vilhena & Santos, 2000:166).



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

Faz-se necessário então estar atento às produções que se dão com o objetivo de eliminação da diferença conforme preconiza o pensamento moderno. A matéria com a qual são moldadas as máquinas pasteurizadoras da subjetividade é a mesma do pensamento industrial, próprio do Capitalismo. As imagens da mídia tem tido um papel produtor e reprodutor a nível global de modelos e ideologias de planificação das diferenças, que quando são incorporadas tendem também a perder sua textura e se tornam produtos puros, pasteurizados, limpos, mas sem vida.

Sabemos que a imagem de si, hoje é continuamente sobredeterminada por imagens ideais de consumo. Jameson (1996) mostra que o inconsciente foi colonizado pela ascensão da mídia e da propaganda que cria em todos desejos de consumo e necessidades artificiais, introjetados como sendo idiossincráticos e genuínos. Com isto se produzem também isolamento, solidão, medo e fobias, são hoje cada vez mais parte integrante da vida urbana, necessárias para o consumo de novos produtos. Ao mesmo tempo em que se desenvolve uma rejeição ao outro tornado cada vez mais estranho.

A obscuridade da favela permitia que ali se desenvolvessem formas diferentes de ser, seja pelo samba, seja por sua religiosidade ou preservação de costumes do interior do país por parte de seus migrantes, hoje tem dado lugar à criação de um espaço cada vez mais privatizado e individualizante, que tem um efeito desagregador dos vínculos de sociabilidade entre seus moradores.

Ao mesmo tempo a cidade tem buscado uma integração onde a favela aparece como lugar de uma “criatividade” perdida, de cunho cultural e artístico. É uma forma de integração importante, mas que não deve ser entendida de forma ingênua. A linguagem do lucro tem transformado espaços como a Rocinha e o morro Dona Marta como locais de visitação turística, mas seus moradores ainda têm sido hegemonicamente minimamente incorporados, ‘guetificados’, e ainda sem rosto.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

Mas, segundo Vilhena (2001b), nossa cultura está preparada para lidar com o complexo quando se trata do inerte ou do sistêmico – vide teorias do caos - mas não está capacitada a aceitar, no nível do ser humano, a experiência da radical singularidade implicada no contato de cada um com sua própria complexidade. A cultura contemporânea parece precisar do homem médio “feliz” – como a cultura moderna necessitava do homem médio moral: o mandamento superegóico da nossa cultura talvez seja: “Consuma, pois nada falta” – o mandamento e promessa a um só tempo; e, negativamente: “Não sofra!”, ou “Seja feliz”.

Mas como vimos este tem sido caminho trilhado para a imposição de uma subjetividade hegemônica e de uma única faceta permitida, voltada para um regime de imagens estéticas e de mercado. Sobre aqueles que no espaço da cidade são vistos como o ‘outro’ de forma mais radical, recai a violência objetiva que fere o corpo, mata a vida, e prepara o caminho para a naturalização da sua eliminação.

A relação com a favela pode ser uma importante ferramenta para a compreensão de nossas ambigüidades. A favela se mistura no espaço urbano ordenado, com um outro rosto, e uma outra história, que, ao menos no Rio de Janeiro, não pode ficar oculta nos subúrbios. E fomos pegos de surpresa, pois nossas contradições estavam no coração da cidade. É preciso, portanto, fazer um percurso que nos permita ‘despetrificar’ a favela ante nosso olhar. Trata-se aqui de poder romper com uma escolha naturalizante, que alivia nossa angústia frente a um mundo complexo, mas que nos faz produtores de paralisias e de mortes.

Quais ferramentas teóricas temos conseguido nos utilizar para lidar com tais “condição humana” na clínica? Sujeitos que sofrem este olhar de segregação conseguem ser vistos por nós, profissionais das chamadas ciências humanas? O que temos também produzido na direção de pensar um sujeito que seja menos voltado para o consentimento da



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

eliminação do outro? Como tudo isto nos afeta? Até que ponto não exercemos o papel de sustentáculo deste projeto de estranhamento do outro?

São muitas perguntas que o tema pode nos trazer. Algo, porém aponta para uma imobilidade frente ao assunto, o que aponta para uma necessidade de pensarmos as práticas cotidianas enquanto profissionais *psi*. Estamos petrificados ou somos petrificantes? Talvez nesta nova mitologia da modernidade a Medusa, com seu olhar assustador e assustado, produtor de petrificações e mortes, não seja alguém fora de nós mesmos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAPTISTA, L. A. (1999). *A Cidade dos Sábios*. São Paulo. Summus Editorial.
- BAUMAN, Z. (1999) *Modernidade e Ambivalência*. [1991] Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- BENJAMIM, W. (1987). "O Narrador". In *Magia e Técnica, Arte e Política - Ensaio sobre Literatura e História da Cultura. Obras Escolhidas*, v. I, São Paulo, Brasiliense.
- BORNHEIM, G. (1990) "As metamorfoses do olhar" In. NOVAES, A. (org.) *O Olhar*, Companhia das Letras.
- CERTEAU, M. (2000) *A Escrita da História*. [1975] Rio de Janeiro. Forense
- CHOMSKY, N. (1993) *A minoria próspera e a multidão inquieta*, Brasília, Editora UNB.
- FOUCAULT, M. (1996) *Vigiar e Punir*. Petrópolis. Vozes.
- _____. (2000) *Microfísica do poder* [1979], Rio de Janeiro, Graal.
- GUATTARI, F. E ROLNIK, S. (1986). *Micropolítica: Cartografias do Desejo*. Petrópolis, Vozes.
- JAMESON, F. (1996). *Pós-Modernismo: A Lógica Cultural do Capitalismo Tardio*, São Paulo, Ática.
- PERLMAN, J. (1977) *O mito da marginalidade*. Paz e Terra, Rio de Janeiro.
- VILHENA, J. & SANTOS, A. (2000) Quem cala consente. A cultura da violência e a ética da psicanálise. In: *Psyche. Revista de Estudos Psicanalíticos*. Vol. IV, n.5 São Paulo, Unimarco.pp:157-182
- VILHENA, J. & VERGNE, C (2001a) "As imagens da exclusão. Um estudo sobre as favelas cariocas". In: Livro de resumos do VIII Colóquio Internacional de Sociologia Clínica e Psicossociologia, Belo Horizonte, UFMG p. 37.
- VILHENA, J. (1993) Apartheid Clínico: uma visão violenta e autoritária da prática clínica. Cadernos do SPA: uma prática em debate. Nº 5. Rio de Janeiro. PUC-Rio
- ZALUAR, A. e ALVITO, M. (1998) *Um Século de Favela*. Rio de Janeiro. Fundação Getúlio Vargas.
- ZAMORA, M. H. (1999) *Textura Áspera: Confinamento, Sociabilidade e Violência em Favelas Cariocas*. Tese de Doutorado, PUC-Rio.
- ZIZEK, S. (1991) *O Mais Sublime dos Históricos - Hegel com Lacan*. Rio de Janeiro. Zahar.

Recebido:17/05/2010

Aceito: 19/05/2010



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br